

O USO DAS TÉCNICAS DA GESTÃO AMBIENTAL E OS RESÍDUOS HOSPITALARES EM UMA INSTITUIÇÃO DO TERCEIRO SETOR: UMA PESQUISA EXPLORATÓRIA NA REGIÃO CENTRAL DO RS

Thiago Favarini Beltrame

Universidade Federal de Santa Maria, Engenheiro Químico.

Graduado em engenharia química pela Universidade Federal de Santa Maria (2011), com ênfase em tratamento de efluentes. Participa de pesquisas na área de engenharia de produção e gestão ambiental. Trabalhou em diversos projetos de ensino, pesquisa e extensão voltado às práticas de melhoria na qualidade de empresas e serviços.

Andressa Rocha Lhamby, Maria Elisa Gehrke, Alberto Souza Schmidt, Victor Paulo Kloeckner Pires

Email do Autor Principal: t_thiago@hotmail.com

RESUMO

A questão ambiental dentro de muitas organizações tem feito parte de um quadro de ameaças e oportunidades, cujas consequências podem significar sua posição quanto à concorrência e sua permanência ou saída do mercado. Nas últimas décadas, o meio ambiente como um todo sofre as consequências do crescente aumento de uma população cada vez mais consumista de supérfluos, o que pode ser apontado como um dos fatores que tem contribuído para a geração de resíduos atualmente. Estes, independentemente de sua classificação, necessitam de um gerenciamento adequado, para que a saúde pública, a vida humana e o meio ambiente sofram cada vez menos as consequências nocivas decorrentes dos destinos incorretos que, por vezes, ainda são dados aos diferentes grupos de resíduos. Pode-se considerar que um dos maiores problemas enfrentados pelos hospitais com relação ao gerenciamento de seus resíduos se deve à limitação de recursos para maiores investimentos em ações de gestão ambiental. O presente trabalho visa analisar a situação ambiental em um hospital, especificamente a questão envolvendo resíduos de serviços de saúde, realizando uma análise S.W.O.T dos aspectos ambientais. As estratégias apontadas visam integrar a gestão ambiental a todas as atividades presentes na instituição, a fim de auxiliá-la na busca de sua posição no mercado, atendendo à legislação ambiental, num processo de melhoria contínua. Em relação ao gerenciamento de resíduos de serviços de saúde, observou-se um manejo adequado tanto na segregação quanto na destinação final dos mesmos. A eficiência e eficácia desta metodologia S.W.O.T desenvolvida dependem do envolvimento de todos os colaboradores da organização, a fim de garantir um gerenciamento ambiental com vistas ao melhoramento da qualidade de vida da população e do meio ambiente local e regional.

PALAVRAS-CHAVE: Ambiental, S.W.O.T, estratégia, gerenciamento de resíduos.

INTRODUÇÃO

A Revolução Industrial foi a maior responsável pelo desenvolvimento industrial, onde o processo produtivo migrou do nível artesanal para a produção em escala, trazendo, por consequência, o movimento de urbanização. Com a industrialização, o processo de poluição deixou de ser apenas local, atingindo níveis globais, onde o principal fator a se considerar é o capitalismo, no qual a atividade econômica de maior destaque é a industrial.

A urbanização decorrente do processo industrial ocasionou aglomerações humanas em centros maiores e, conseqüentemente, elevados índices de poluição. As novas tecnologias advindas deste processo produzem novos resíduos, na sua maioria inorgânicos, que aumentam seu tempo de contaminação no meio até retornar à natureza, de onde normalmente são retirados. Conseqüência, em parte, do maior acesso da população ao consumo de produtos cada vez mais descartáveis e supérfluos.

No decorrer das últimas décadas, os problemas ambientais deixaram de ser preocupação exclusiva dos ambientalistas. Hoje, grande parte da população reconhece a gravidade da crise ambiental, que tem alcançado uma escala planetária, conseqüência do atual modelo de desenvolvimento. Também houve uma crescente preocupação dentro das organizações com a gestão ambiental, buscando envolver todos seus funcionários num processo de conscientização ecológica. As novas tecnologias que surgem e o atual mercado competitivo, exigem um constante planejamento do uso consciente dos recursos naturais, por parte das empresas, para que elas possam utilizá-los no seu processo produtivo e permanecer no mercado.

Neste contexto, a tomada de consciência ambiental nas diversas camadas e setores da sociedade mundial envolve também o setor de saúde. Para atender às propostas do desenvolvimento sustentável, uma infinidade de ações e incentivos tem surgido para favorecer o incremento de selos verdes e afins. As organizações devem responder a estas pressões com práticas gerenciais e investimento em tecnologias mais limpas. A adoção de princípios de gestão ambiental e o uso contínuo de estratégias de preservação ambiental podem ser um diferencial competitivo, especialmente em economias com elevado desperdício de recursos.

Atualmente os hospitais podem ser considerados dentre as organizações de maior complexidade administrativa, entretanto, tem-se verificado nestas uma atuação de forma mais positiva, considerando a concepção do hospital como um negócio, que necessita de adequações na sua administração, visando sua manutenção e sobrevivência.

Na busca por uma gestão mais eficiente e eficaz, diante da crescente complexidade que envolve um hospital, faz-se necessário que estas organizações promovam e intensifiquem práticas seguras de trabalho, proporcionando um ambiente livre de riscos, em conformidade com as obrigações legais de ordem municipal, estadual e federal. Importância também deve ser dada à avaliação e controle dos resultados das ações de sua área de influência. Em síntese, dimensionar os impactos dos resíduos hospitalares sobre o meio ambiente e determinar os modelos possíveis de controle a serem adotados para reduzi-los. O ambiente hospitalar, diante de sua diversidade, complexidade de serviços prestados e avanços científicos e tecnológicos, demonstra um local de risco potencial de diferentes tipos, repercutindo sobre a população e meio ambiente que abrange. O maior desafio do segmento hospitalar é conciliar o equilíbrio entre a melhoria da qualidade dos serviços prestados e menores custos econômicos, sociais e ambientais.

Nos últimos anos, os profissionais que controlam o meio ambiente hospitalar têm desenvolvido trabalhos a fim de mudar os conceitos anteriormente aceitos. Para que os colaboradores dos estabelecimentos de saúde executem procedimentos de limpeza, desinfecção e descontaminação, apropriadamente, eles devem ser conscientizados e treinados para a segregação correta dos resíduos.

Os Resíduos de Serviços de Saúde (RSS), comumente associados à denominação “Lixo Hospitalar”, representam uma fonte de riscos à saúde, devido principalmente à falta de adoção de procedimentos técnicos adequados, no manejo das diferentes frações geradas (ALMEIDA, 2003). Percebendo a importância que deve ser dada à questão dos resíduos hospitalares, os quais configuram como de grande potencialidade de risco para a população, este trabalho tem como objetivo analisar a situação ambiental de um meio hospitalar focando na geração de resíduos e gestão ambiental. Ainda, busca realizar uma análise S.W.O.T que vem a auxiliar na elaboração do planejamento estratégico da empresa.

O hospital estudado conta com uma Classe Cirúrgica, um Bloco Cirúrgico, uma Maternidade, uma Pediatria, um Centro de Tratamento Intensivo, um Complexo de Raio-X, um Centro de Nefrologia (hemodiálise), um

Laboratório de Sangue e de Patologia, Ambulatório 24 horas, além de modernos equipamentos, tais como, Gasometria, Respirador Takaoka, Oxímetros, Eletrocardiógrafos, Mamógrafo, Autoclaves, Mesa Buck, Bisturi Laser, Videolaparoscopia, Endoscopia, Broncoscopia, Raquemamômetro, Carro de Parada Cardíaca, Tomografia Computadorizada, Densitometria Óssea e Ultrasonografia. Conta com um corpo clínico constituído por 62 médicos em 25 especialidades, além de um quadro de 388 funcionários efetivos, incluídas neste quadro duas religiosas da Congregação de Santa Catarina. A entidade é constituída, por sua natureza, em sociedade civil, sem fins lucrativos e declarada de Utilidade Pública pelo Decreto Federal nº 51.713, de 15 de fevereiro de 1963, e também através do Ministério da Saúde – Conselho Nacional de Assistência Social, conforme certificado de Entidade de Fins Filantrópicos, em 17 de março de 1975. A missão da empresa consiste em ser referência na região da Fronteira Oeste, proporcionando qualidade em saúde mediante um cuidado humanizado, através de recursos humanos qualificados, almejando a gestão autossustentável. Seus valores são traduzidos pela ética, profissionalismo, qualidade, história, humanismo, comprometimento, respeito e tecnologia. Como visão, almeja ser reconhecida regionalmente como Instituição de referência, através de uma gestão de serviços de saúde.

REFERENCIAL BIBLIOGRAFICO

Atualmente, no Brasil, a gestão ambiental vem sendo adotada gradativamente por um número maior de empresas que buscam se adequar a esse contexto. Percebe-se um consenso quanto à necessidade e importância do meio ambiente como um bem estratégico, recurso essencial à reprodução da vida humana, fundamental para o desenvolvimento sustentável das nações (VALVERDE, 2005). Para o mesmo autor, a gestão ambiental tem sido entendida como o conjunto de ações sobre o meio natural que afeta ou é impactado por uma atividade produtiva ou uma organização.

A Gestão Ambiental tem por referência a Norma Brasileira Regulamentadora – International Organization for Standardization (NBR ISO 14.001 – 2004). Ela define que a organização, independentemente do tipo, está cada vez mais preocupada com atendimento e demonstração de um desempenho ambiental correto, por meio do controle dos impactos de suas atividades, produtos e serviços sobre o meio ambiente, coerentemente com suas políticas e seus objetivos ambientais, devendo assim agir dentro de um contexto de legislação cada vez mais exigente, de desenvolvimento de políticas econômicas e outras medidas visando adotar a proteção ao meio ambiente e de uma crescente preocupação expressa pelas partes interessadas em relação às questões ambientais e ao desenvolvimento sustentável (NBR ISO 14.001 – 2004).

PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO

As considerações a cerca do planejamento estratégico popularizaram-se nos anos de 1960 e ainda são muito difundidas. Segundo Ackoff (1960), planejamento estratégico é “a definição de um futuro desejado e de meios para alcançá-lo. É um planejamento empresarial a longo prazo, que é orientado para objetivos-fins (mas não apenas para estes)”. O autor entende que o planejamento estratégico é um processo contínuo que compreende quatro preocupações principais: horizonte de tempo maior (longo prazo); amplitude ou abrangência (em termos de administração de cúpula); especificação de objetivos e metas e meios para alcançá-los; e relacionamento da organização com seu ambiente externo.

Pode-se afirmar que a tomada de decisão faz parte do processo de solução do problema e o planejamento estratégico destina-se à formulação de objetivos e escolha dos meios para atingi-los. No contexto atual, os planejadores devem se preocupar com as questões sociais, econômicas, políticas e tecnológicas, às quais as entidades terão de operar no futuro. A organização deve ajudar a criar o futuro e as oportunidades que ele pode apresentar. Adaptando-se o planejamento estratégico à realidade da organização, ele auxiliará na busca da sobrevivência desta, perante as turbulências do mercado.

O conceito básico da estratégia está relacionado à ligação da empresa ao seu ambiente externo, onde esta procura adequar suas forças e fraquezas juntamente com suas ameaças e oportunidades. Nessa situação, a empresa procura definir e operacionalizar estratégias que maximizem os resultados da relação estabelecida. Para a construção do Planejamento Estratégico de uma organização, é necessário considerar algumas características fundamentais, preceituadas por Chiavenato (2007), como a projeção no longo prazo, o fato de

estar voltado para as relações entre a empresa e seu ambiente de tarefa, e o seu efeito holístico, envolvendo a empresa como um todo.

FERRAMENTA DE ANÁLISE S.W.O.T

A ferramenta de Análise S.W.O.T, utilizada como apoio e orientação para formular as estratégias propostas na metodologia escolhida neste trabalho, segundo Kotler (2000), refere-se a uma avaliação global dos pontos fortes (*Strengths*) e dos pontos fracos (*Weanesses*) da organização à luz das oportunidades (*Opportunities*) e das ameaças (*Threats*) em seu ambiente. A Análise *Swot* também é conhecida por Análise F.O.F.A, que de acordo com Robbins (2000), é a essência de qualquer esforço de planejamento estratégico porque exige que os gerentes avaliem as potencialidades (pontos fortes), fragilidades (pontos fracos), oportunidades e ameaças para poder identificar um nicho que a organização possa explorar. De acordo com Value Based Management (2007), Forças e Fraquezas (*Strenghts* e *Weakness*, S e W) são fatores internos de criação (ou destruição) de valor, como: ativos, habilidades ou recursos que uma companhia tem à sua disposição, em relação aos seus competidores.

Já as Oportunidades e Ameaças (*Opportunities* e *Threats*, O e T) são fatores externos de criação (ou destruição) de valor, os quais a empresa não pode controlar, mas que emergem ou da dinâmica competitiva do mercado em questão, ou de fatores demográficos, econômicos, políticos, tecnológicos, sociais ou legais. A análise S.W.O.T. é uma ferramenta excelente para analisar as forças e fraquezas internas de uma organização, e as oportunidades e ameaças externas que surgem como consequência (Value Based Management, 2007).

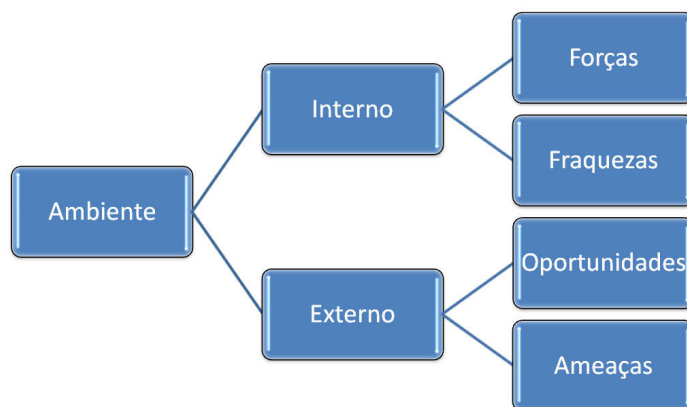


Figura 01 – Ambientes da análise S.W.O.T. Fonte: Serrano, 2011.

METODOLOGIA

O presente trabalho foi realizado em um hospital, no período de 04/01/2011 a 03/02/2011. Em relação aos seus objetivos, este trabalho caracteriza-se por ser um estudo de caso. Na concepção de Craswell (1994), utiliza-se o estudo de caso quando o pesquisador quer explorar uma ou poucas entidades ou fenômenos (casos), limitado pelo tempo e atividade, e quer coletar informações, usando uma variedade de procedimentos de coleta de dados durante um período de tempo. Adotou-se a prática de pesquisa exploratória, que para Lakatos e Marconi (2005), são investigações de pesquisa empírica cujo objetivo é a formulação de questões ou de um problema, com a finalidade de desenvolver hipóteses, aumentar a familiaridade do pesquisador com o ambiente, fato ou fenômeno ou modificar e clarificar conceitos. Para tanto, uma variedade de procedimentos de coleta de dados pode ser utilizada, como entrevista, observação participante, análise de conteúdo. Inicialmente realizou-se um reconhecimento de áreas e setores do hospital, para identificação da atual realidade ambiental do mesmo. Após, selecionou-se os setores mais envolvidos nas questões ambientais para a coleta de dados qualitativos,

como Pronto Atendimento, Enfermarias, Unidade Terapêutica, Farmácia, Lavanderia, Serviço de Eletrocardiograma, Central de Material Esterilizado, Manutenção e Cozinha (Nutrição). Para este levantamento, fez-se questionamentos focados na área ambiental da organização, além de outras informações tais como: cargo, nome da área, subordinação da área, tempo na função, formação e gestão ambiental representada pelos departamentos. Foi uma coleta de dados oportuna para a construção das bases da metodologia a ser usada posteriormente na elaboração de um planejamento estratégico.

Os dados coletados também foram usados para a elaboração dos pressupostos inerentes à Análise S.W.O.T, que complementou o trabalho final, ou seja, forneceu as diretrizes para a metodologia selecionada para este trabalho.

RESULTADOS

Em relação à geração de resíduos, na instituição estudada, são encontrados resíduos dos grupos A (infectante), B (químico), D (comum), E (perfurocortante), recicláveis (papelão, vidro, metais, outros) e específicos (entulho, móveis, eletroeletrônicos, lâmpadas fluorescentes, etc). Estes são armazenados de acordo com as Resoluções da RDC Anvisa nº 306/2004 e CONAMA nº 283/2001, e normas pertinentes da ABNT. Os resíduos do grupo A-infectantes, são acondicionados em sacos brancos e vermelhos, conforme suas proveniências. O saco vermelho é utilizado quando os resíduos biológicos forem infectantes. As roupas contaminadas são separadas e embaladas de acordo com sua sujidade. Assim, roupas com secreções, sangue, fezes, roupas de pacientes em isolamento e cobertores contaminados são consideradas de sujidade super pesada e devem ser acondicionadas em sacos brancos; roupas com urina, com respingos de secreções, roupas com poucas manchas, cobertores com leves secreções e urina com leve sujidade, considera-se de sujidade pesada e devem ser acondicionadas em sacos de cor vermelha; e as roupas limpas sem manchas são caracterizadas de sujidade leve, devendo ser acondicionadas em sacos verdes ou pretos.

Os resíduos químicos são segregados próximos ao local de geração, identificados com a simbologia de resíduo tóxico conforme a NBR 7500/87, e armazenados em local adequadamente arejado e conforme frequência da coleta.

Os resíduos comuns, grupo D, quando destinados para reciclagem são identificados nos seus recipientes e local de guarda. O seu tratamento final é para aterro municipal.

Os resíduos do grupo E são acondicionados em caixas do tipo descarpac, específicas para tal, com identificação de início da guarda dos resíduos, como a data, a hora e o setor, logo após seu uso e próximo ao local de geração, para posterior controle, em caso de alguma eventualidade. O tratamento destes resíduos é a destinação final em aterro sanitário, sob responsabilidade da empresa coletora. Todos os tipos de resíduos recebem identificação quanto à sua origem, por exemplo, setor ou unidade, com data e hora de sua geração.

Na instituição, são gerados mensalmente, 266 litros de resíduos químicos e aproximadamente 4960 Kg de resíduos sólidos, incluindo resíduos infectantes, comuns, perfurocortantes, recicláveis e os específicos.

Os resíduos do grupo A e E, são destinados a uma empresa especializada que utiliza tecnologia de autoclavagem a vapor saturado, com pulsos de alta pressão a vácuo, com posterior trituração de descaracterização dos resíduos e Aterro Especial (Resíduos Classe I-Patogênicos); os do tipo B (químicos), são destinados para empresa especializada; e os do tipo D (comum), para aterro municipal, conforme discriminado no Plano de Gerenciamento de Resíduos de Serviços de Saúde do hospital.

A respeito dos resíduos, a realidade ambiental relatada anteriormente, mostra que a instituição segue as ações previstas no seu PGRSS, cumprindo com a legislação que o vigora. A Tabela 1, a seguir, discrimina sobre as quantidades de resíduos gerados na organização.

Tabela 1 - Quantidade de resíduos gerados

GRUPO	TOTAL DE RESÍDUOS (KG/MÊS)
A-INFECTANTE	1440 KG
B-QUÍMICO	266 LITROS
C-REJEITO RADIOATIVO	NÃO SE APLICA
D-COMUM	2100 KG
E-PERFUROCORTANTE	240,8 KG
RE-RECICLÁVEL	980 KG
ES-ESPECÍFICO	207,2 KG

Fonte: Adaptado do PGRSS da instituição estudada.

De acordo com o Quadro 1 - Frequência de coleta e empresas coletoras responsáveis, a seguir, pode-se comprovar o encaminhamento dos resíduos para disposição final adequada, dentro do montante gerado na instituição.

QUADRO 1 - Frequência de coleta e empresas coletoras responsáveis

GRUPO	EMPRESA COLETORA	TIPO DE VEÍCULO COLETOR	FREQUÊNCIA DA COLETA (Nº DE VEZES POR)
A-INFECTANTE	X	CAMINHÃO BAÚ	1/SEMANA
B-QUÍMICO	X	CAMINHÃO GAIOLA (CARROCERIA ALTA)	2/MÊS
C-REJEITO RADIOATIVO	X	NÃO SE APLICA	NÃO SE APLICA
D-COMUM	X	CAMINHÃO COMPACTADOR	6 /SEMANA
E-PERFUROCORTANTE	X	CAMINHÃO BAÚ	1/SEMANA
RE-RECICLÁVEL	X	CAMINHÃO BAÚ	2/MÊS
ES-ESPECÍFICO	X	CAMINHÃO BAÚ	1/DIA

Fonte: Adaptado do PGRSS da Instituição estudada.

Foi observado na instituição, um controle constante quanto à necessidade de educação continuada para a orientação sobre o manejo adequado dos resíduos e seus riscos, pois se entende que a conscientização dos funcionários é essencial para o bom funcionamento do hospital e, também para a produção de um volume menor de resíduos, proporcionando qualidade ambiental e diminuição dos custos para a organização. A grande maioria das etapas que envolvem o tratamento de resíduos de serviços de saúde do hospital encontra-se em conformidade com as leis e normas que regem estes processos.

Os resíduos químicos recebem tratamento de empresa terceirizada especializada. Apenas alguns sofrem processo de neutralização no local, com as devidas ações de segurança, incluindo o uso de Equipamentos de

Proteção Individual (EPI's) e treinamento dos funcionários para a realização da tarefa. O hospital não possui local para armazenamento temporário de seus resíduos. O armazenamento é feito diretamente nas salas externas, com as identificações correspondentes. A figura 02 mostra a identificação da sala externa de armazenamento de resíduos químicos.



Figura 02 - Identificação da sala externa de armazenamento de resíduos químicos. Fonte: Autor do trabalho.

Os resíduos do tipo comum são armazenados numa sala com entrada restrita, conforme mostrado na identificação da Figura 03.



Figura 03 - Identificação da sala de armazenagem dos resíduos comuns. Fonte: Autor do trabalho.

Verificou-se que de maneira geral, não são encontrados grandes problemas com o acondicionamento dos resíduos. Mas, deve ser dada uma atenção especial à segregação dos mesmos. A sala de armazenamento de resíduos químicos necessita de maior organização. Constatou-se que a gestão dos resíduos realizada dentro do hospital se ampara nas ações do PGRSS e do Controle de Infecção Hospitalar (CCIH). As ações da CCIH são realizadas de acordo com seu regimento interno.

Na área de saúde, observam-se algumas dificuldades dos empresários em utilizar a gestão ambiental como instrumento de melhoria, exceto para o cumprimento da legislação, confirmando de certa forma, a baixa conscientização ambiental dos dirigentes (REIS; QUEIROZ, 2002). Em relação à gestão dos resíduos, o uso de uma estratégia qualquer pela Instituição, no sentido de reduzir a geração deles, contribui positivamente com a imagem desta e evita contaminação ambiental. Ao final, constatou-se que a instituição busca melhorias na questão ambiental, mas limita-se a escassez de recursos, e no momento se pauta nas ações conjuntas da Comissão de Controle de Infecção Hospitalar (CCIH), da Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (CIPA) e do Plano de Gerenciamento de Resíduos de Serviços de Saúde (PGRSS) da organização.

Em relação à análise S.W.O.T, elaborada no presente trabalho, as forças e fraquezas referem-se ao ambiente interno da Instituição, que poderão ser controladas pelos envolvidos diretamente com elas, com vistas a potencializar o alcance dos objetivos. Por sua vez, as oportunidades e ameaças, referem-se às variáveis externas, não sendo controladas pelos envolvidos diretamente nelas, podendo, contudo, influenciar a viabilização do plano estratégico. As estratégias mencionadas foram elaboradas de acordo com o prazo mais

indicado para seu cumprimento. Uns e outros podem constituir, respectivamente, vantagens competitivas ou entraves ao bom desempenho da organização. O fator oportunidade foi permeado em todas as ações visando sempre à integração da gestão ambiental com as atividades cotidianas do ambiente hospitalar.

Tabela 02 – Análise S.W.O.T para as questões ambientais da instituição.

AMEAÇAS	FORÇAS	FRAQUEZAS	ESTRATÉGIAS
Aumento dos custos com tratamento de resíduos.			Longo prazo: criar parcerias ou cooperativas com demais estabelecimentos de saúde para tratamento e destinação final dos resíduos.
	Processo de conscientização e fiscalização permanentes da segregação dos resíduos nos setores do hospital.		Médio prazo: reforçar ações de conscientização através do PGRSS da instituição.
	Treinamento dos colaboradores quanto ao tema resíduos de serviços de saúde.		Curto prazo: manter rotina destes treinamentos.
	Controle periódico da qualidade da água.		Médio prazo: adotar rotina de exames biológicos com tecnologias mais avançadas.
		Inexistência de amplo local para armazenamento externo de resíduos.	Longo prazo: destinar espaço ampliado para armazenamento externo de resíduos, reestruturando as instalações físicas conforme a RDC nº 50, da ANVISA.
		Deficiência de segregação dos resíduos na fonte em alguns setores.	Curto prazo: promover periodicamente educação continuada sobre segregação correta dos resíduos aos responsáveis (corpo de enfermagem) pelas unidades do hospital.
		Volume considerável de restos orgânicos.	Médio prazo: criar parceria(s) para a venda de restos orgânicos para compostagem
		Ausência de fornos de incineração.	Longo prazo: instalar fornos de incineração de acordo com a legislação ambiental a fim de atender aos demais estabelecimentos de saúde do município e região.
		Inexistência de uma gerência ambiental.	Longo prazo: implantar uma gerência ambiental.
		Ausência de uma área de marketing ambiental.	Longo prazo: investir uma parcela dos recursos financeiros na criação de setor especializado em marketing ambiental.

CONCLUSÕES

Para uma ação ambiental responsável, as organizações devem se valer da responsabilidade ética para alterar o presente quadro de degradação ambiental mundial, que tem influenciado a qualidade de vida da população, pondo em risco sua própria sobrevivência. A crise ambiental pode representar uma oportunidade de negócio, visto que apresenta uma grande perspectiva de crescimento em áreas como, por exemplo, gestão ambiental, reciclagem de resíduos, racionalização de energia, dentre outras.

A questão ambiental, dentro do ambiente hospitalar, encontra-se ainda em estágio inicial e precisa de maior atenção e dedicação por parte destas organizações, tendo em vista a relação existente entre a qualidade dos serviços e a responsabilidade dos hospitais com o adequado manuseio dos perigosos Resíduos de Serviços de Saúde (RSS). A questão dos RSS deve abranger, não apenas o aspecto transmissão de doenças, mas também a questão da saúde do trabalhador e preservação do meio ambiente, para que ocorra plenitude no gerenciamento destes resíduos. A maior expectativa é de que a questão ambiental assuma um papel de importância no âmbito das atividades e tarefas complexas que integram o funcionamento dos hospitais. Atualmente, os hospitais que reunirem a variável ambiental às suas atividades, assegurarão maior competitividade em função de conseguirem maior credibilidade de seus clientes. Para alcançar este objetivo, uma das formas é aliar o uso de uma ou mais ferramentas que contemplem o cumprimento da legislação ambiental e o compromisso com a melhoria contínua de seu desempenho, ou seja, investir em gestão ambiental a fim de alcançar o desenvolvimento sustentável e a sustentabilidade.

Os hospitais também podem contribuir para o desenvolvimento sustentável, pois podem reduzir o uso de insumos, reaproveitar internamente algumas saídas dos processos e influenciar assim seus fornecedores a aderirem às políticas de sustentabilidade. Para isto, podem adotar o planejamento estratégico como ferramenta para alcançar a tão almejada sustentabilidade.

Num futuro próximo, o desafio maior das empresas brasileiras, incluindo suas diferentes esferas, em relação à geração de resíduos, não se restringirá apenas à reciclagem, tratamento ou destinação final adequada dos resíduos. Então, a implantação do conceito da não geração e redução de resíduos na sua origem será oportuna, por identificar perdas e desperdícios e também, por suas questões inerentes à redução de custos, competitividade de mercado, conscientização da população, demandas legais e preservação ambiental. Neste sentido, o hospital estudado tem colaborado para o desenvolvimento sustentável, a partir de ações que visam reduzir a geração dos resíduos antes da segregação; mudar a forma de destinação do resíduo, reutilizando embalagens vazias para tratamentos de resíduos químicos; e através do reaproveitamento do produto ou uso de parte dele para geração de outro produto útil, como as práticas de reciclagem, que incluem a venda de resíduos recicláveis.

O modelo de planejamento estratégico (matriz S.W.O.T) proposto neste trabalho procurou estabelecer uma relação entre os problemas de gestão que envolve os resíduos e os instrumentos utilizáveis para controlar os impactos ambientais. Não se resume à sua essência, e sim a um marco representativo de um processo contínuo de aprimoramento institucional. Ele continuará em construção em relação a uma amplitude de aprimoramento e desdobramento das ações, bem como ao seu planejamento junto às diferentes áreas do hospital.

Assim, a expectativa é de que as organizações como um todo, incluindo as hospitalares, adotem uma postura pró-ativa, antecipando-se aos problemas ambientais futuros, e integrem a variável ambiental ao seu planejamento estratégico, com vistas a atingir uma eco-excelência empresarial perante a sociedade à sua volta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALIGLERI, L., ALIGLERI, L. A., KRUGLIANSKAS, I. Gestão socioambiental: responsabilidade e sustentabilidade do negócio. 1.ed. São Paulo: Atlas, 2009. 248p.
2. ALMEIDA, M. I. R. de. Manual de planejamento estratégico com a utilização de planilhas Excel. São Paulo: Atlas, 2010.
3. ABNT. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 10.004/2004. Resíduos sólidos - Classificação. Rio de Janeiro: ABNT, 2004.
4. BATEMAN, T. S.; SNELL. S. A. Administração: novo cenário competitivo. Tradução de Bazán Tecnologia e Linguística Ltda. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.
5. BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Portaria nº 344/1998, de 12 de maio de 1998. Aprova o regulamento técnico sobre substâncias e medicamentos sujeitos a controle especial. Disponível em: <http://www.anvisa.gov.br/legis/portarias/344_98.htm>. Acesso em: 21 de março de 2012.
6. BUARQUE, S. C. Construindo o desenvolvimento local sustentável. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
7. BUTTEL, F. Ideologia e tecnologia agrícolas no final do século XX: biotecnologia com símbolo e substância. Ensaios FEE, Porto Alegre, v.1, n.14, p.303-322,1993.
8. CHIAVENATO, I. Administração: teoria, processo e prática. 4. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007. 411p.
9. DANIEL, P.S. Análise SWOT - A Matriz FOFA. Acesso em abril de 2012. Disponível em http://www.portaldomarketing.com.br/Artigos/Analise_SWOT_Matriz_FOFA.htm.
10. DIAS, R. Gestão Ambiental: responsabilidade social e sustentabilidade. 1. ed. 4. reimpr. São Paulo: Atlas, 2009. 220p.
11. DONAIRE, D. Gestão Ambiental na Empresa. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.
12. KAMI, S.T. Avaliação de aspectos ambientais numa indústria de alimentos no norte do Paraná – Brasil. 2003. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2003.
13. KERZNER, H. Gestão de projetos: as melhores práticas. Tradução de Lene Belon Ribeiro. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2006.

-
14. LEFF, E. Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. 6. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008. 494p.
15. VALVERDE, S. R. Elementos de gestão ambiental empresarial. 1.ed. v.1. Viçosa. Ed. UFV, 2005. 134p.